



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**STEFANI HEMKEMEIER**

**“LER PODE SALVAR SUA VIDA”: LITERATURA E INTELIGÊNCIA  
EMOCIONAL NA SÉRIE *ANNE WITH AN E***

**Tubarão - SC**  
**2020**



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**STEFANI HEMKEMEIER**

**“LER PODE SALVAR SUA VIDA”: LITERATURA E INTELIGÊNCIA  
EMOCIONAL NA SÉRIE *ANNE WITH AN E***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Prof. Me. Fábio Ballmann (Orientador)

Tubarão  
2020

**STEFANI HEMKEMEIER**

**“LER PODE SALVAR SUA VIDA”: LITERATURA E INTELIGÊNCIA  
EMOCIONAL NA SÉRIE *ANNE WITH AN E***

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa em 8 de dezembro de 2020 por banca formada pelos professores Fábio Ballmann (presidente da sessão), Daiane de Souza Alves Mauricio (avaliadora) e Chirley Domingues (avaliadora); e foi aprovado em sua versão final em 12 de dezembro de 2020 pelo professor Fábio Ballmann (orientador) e pelo professor Fábio José Rauhen (professor da Unidade de Aprendizagem Trabalho de Conclusão de Curso II), que assina a presente declaração representando os avaliadores e a Coordenação do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 12 de dezembro de 2020.



Dr. Fábio José Rauhen  
Universidade do Sul de Santa Catarina

Com carinho, dedico este trabalho aos meus pais por sempre estarem ao meu lado e acreditarem no meu potencial.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por nunca me deixar sentir sozinha e por guiar-me nessa caminhada.

Agradeço a meus pais, Valdir e Sandra, por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado. Aos meus irmãos, Nikoli, Sofia e José Martinho, por me apoiarem sempre e serem meu porto seguro. Agradeço também a meu namorado, Luiz Fernando, por estar comigo nos momentos bons e ruins.

Eterna gratidão ao meu querido professor e orientador Fábio Ballmann, por todo apoio e paciência, por me ouvir, incentivar e ser inspiração em minha vida.

Agradeço aos professores Fábio José Rauen e Suelen Francez Machado Luciano por toda paciência e orientação durante o processo de escrita. Estendo minha gratidão a todos os professores que contribuíram para com minha formação e estarão para sempre em meu coração.

Agradeço também as minhas amigas de infância Thais e Danielle que sempre estiveram ao meu lado.

Por fim, agradeço a todos os amigos que conheci na faculdade, especialmente Marcela, Pablo, Lucimara, Clarissa, Isabela e Bruna, com quem dividi risadas e lágrimas e fiz amizades eternas.

“Ler é tudo. Todo livro contém um mundo inteiro. Há aventura, romance. Há navios, tiroteios, cavaleiros montados em seus cavalos! Nunca sabe o que vai acontecer. Você pode ser qualquer pessoa, ir a qualquer lugar. Ler pode salvar sua vida.”

(Anne, in *Anne With an E*).

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as experiências do cultivo da leitura na formação da personalidade, no amadurecimento da inteligência emocional e na melhoria da capacidade de resolver conflitos da protagonista da série *Anne with an E*, da Netflix. A pesquisa constitui um estudo de caso bibliográfico de caráter qualitativo e se fundamenta nos estudos de Gallian (2017), Compagnon (2009), Todorov (2009), Oatley (2016) e Jaeger (2001) sobre a importância do cultivo da leitura e o ensino da literatura. O estudo apresenta quatro exemplos, ainda que ficcionais, do benefício do cultivo da leitura na formação da personalidade, no amadurecimento da inteligência emocional e na melhoria da capacidade de resolver conflitos e superar adversidades.

Palavras-chave: Literatura. Inteligência emocional. Anne with an E.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the experiences of reading cultivation in the formation of personality, in the maturation of emotional intelligence and in improving the ability to resolve conflicts of the protagonist of the series *Anne with an E*, from Netflix. The research constitutes a qualitative bibliographic case study and is based on the studies of Gallian (2017), Compagnon (2009), Todorov (2009), Oatley (2016) and Jaeger (2001) on the importance of cultivating reading and the teaching of literature. The study presents four examples, albeit fictional, of the benefit of cultivating reading in the formation of personality, in the maturation of emotional intelligence and in improving the ability to resolve conflicts and overcome adversity.

Keywords: Literature. Emotional intelligence. *Anne with an E*.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>“SE VOCÊ TEM GRANDES PENSAMENTOS, PRECISA DE GRANDES PALAVRAS PARA EXPRESSÁ-LOS” .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>“NÃO É MARAVILHOSO COMO TODO DIA PODE SER UMA AVENTURA?”</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>“ME DIGA E EU ESQUEÇO, ME ENSINE E EU LEMBRO, ME ENVOLVA E EU APRENDO” .....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>“TODO LIVRO CONTÉM UM MUNDO INTEIRO” .....</b>	<b>23</b>
5.1	“SOU LIVRE E NADA ME PRENDE” .....	25
5.2	“UM TESOURO VINDO DA ALMA” .....	28
5.3	“OS ATOS QUE DETERMINARAM A VIDA DELA” .....	30
5.4	“SER JOVEM É TER ESPERANÇA” .....	32
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é motivado pelo interesse da pesquisadora pela série *Anne with an E*, produzida pela CBC e Netflix. Segundo a própria CBC (2016), trata-se de uma adaptação da série de livros infanto-juvenis de Lucy Maud Montgomery, intitulada *Anne*, publicada em 1908. A história já passou por várias adaptações, porém ainda inspira vários criadores. Um dos muitos motivos, conforme a produtora Moira Walley-Beckett (2016, tradução nossa), é que “os problemas de Anne são contemporâneos: feminismo, preconceito, bullying e o desejo de pertencer. [...] Estou ansiosa para me aprofundar nessa história ressonante, ultrapassar os limites e dar-lhe uma nova vida.”<sup>1</sup>

A série conquistou muitos fãs por conta da personagem principal, Anne Shirley. Trata-se de uma menina órfã, com muitos traumas na vida, mas sempre tendo seus livros e sua imaginação como companhia. A menina perdeu seus pais com meses de idade e cresceu no orfanato de Hopetown, onde não era aceita pelas colegas. Contudo, quando recebeu a chance de morar na localidade de Green Gables com o casal de irmãos Mathew e Marilla, surpreendeu a todos por sua imaginação a florada e pensamentos iluminadores. Anne nunca passou pela educação formal ou convivência em ambiente familiar, entretanto encontrava conforto nos livros e histórias que inventava. Essa característica permite considerar que a leitura, e por consequência a literatura, desempenharam um papel fundamental na formação do caráter da personagem.

Nesse contexto, o presente trabalho busca analisar as experiências do cultivo da leitura na formação da personalidade da protagonista, no amadurecimento de sua inteligência emocional e capacidade de resolver conflitos, fundamentando-se nos estudos de Dante Gallian (2017), Tzvetan Todorov (2009) e Daniel Goleman (2017).

Segundo Gallian (2017), a literatura é fundamental para a formação do ser humano. Seu Laboratório de Leitura, desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo, surgiu da necessidade de proporcionar aos alunos da área da saúde, extremamente técnicos, uma formação humanística. Gallian começou com grupos pequenos, lendo e compartilhando pensamentos sobre curtos artigos. Depois de alguma resistência, visto os alunos não estarem habituados à leitura crítica de textos clássicos da área da saúde, esses mesmos alunos viram-se

---

<sup>1</sup> “Anne’s issues are contemporary issues: feminism, prejudice, bullying and a desire to belong. [...] I’m thrilled to delve deeply into this resonant story, push the boundaries and give it new life.”

capazes de ler sobre diversos assuntos, emitir opiniões, discuti-las e repensá-las. Posteriormente, o grupo foi aumentando, passando à narrativa ficcional. Ao final do experimento, os participantes já não se sentiam mais os mesmos, redescobrendo-se, mediante a leitura, como humanos. Conforme Gallian (2017, p. 43), ele próprio

[...] começava a descobrir, juntamente com os participantes do Grupo, o grande prazer e o grande consolo que é o poder viajar e se refugiar, por breve intervalo de tempo que seja, no universo paralelo que uma narrativa ficcional nos franqueia. E, para além disso, a incrível oportunidade de contar com um tempo e um grupo de pessoas com quem poder compartilhar os sentimentos, as ideias e os questionamentos que a leitura pessoal nos proporciona.

Similarmente, Anne teve sua vida afetada pela literatura, encontrando um refúgio para seus dramas, usufruindo efeitos terapêuticos ao refletir sobre questões essenciais da existência e, paralelamente, formando seu caráter. Pela leitura, como diria a personagem, oferecia-se “espaço para imaginação” (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 1, ep. 1, 7 min).

De acordo com Gallian (2017), a literatura desempenha um papel “subsidiário ou mesmo dispensável” nesse tempo “dominado pela ciência e a tecnologia”. O que antes constituía papel fundamental na formação do indivíduo, como no período da Paideia grega, passou a ser vista como mero passatempo. Presume-se que o tema discutido nesse trabalho é, portanto, muito relevante, principalmente para a área de Letras que forma o profissional que irá trabalhar com literatura e formação de leitores.

Sobre o ensino da literatura, Todorov (2009) afirma que os métodos atuais de ensino da literatura ignoram a subjetividade da experiência literária e a importância dessa para o desenvolvimento das pessoas como seres humanos, uma vez que:

[...] os estudos literários têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem. Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos. (TODOROV, 2009, p. 27).

Portanto, é necessário refletir sobre a importância da literatura para a formação das pessoas, no intuito de trazer outra perspectiva acerca do estudo e ensino literário. Espera-se, ao final desse trabalho, apontar um exemplo, ainda que ficcional, dos benefícios da leitura literária na formação da personalidade, da inteligência emocional e da resolução de conflitos. Tal pesquisa pode inspirar um novo olhar sobre o valor e lugar da literatura na sociedade moderna

e inspirar novas abordagens no próprio ensino da literatura, especialmente o ensino escolarizado voltado aos adolescentes, pessoas que partilham de angústias e dilemas similares aos de Anne.

Para tanto, esse trabalho de conclusão se volta para noções de filosofia estética no capítulo dois, investiga o que seria inteligência emocional no capítulo três, repensa o papel da literatura frente à inteligência emocional no capítulo quatro e analisa os trechos selecionados da série no capítulo cinco. Cada um desses capítulos foi nomeado com uma frase de efeito retirada da série, em consonância com o tema trabalhado, uma amostra da riqueza encontrada nessa produção.

## 2 “SE VOCÊ TEM GRANDES PENSAMENTOS, PRECISA DE GRANDES PALAVRAS PARA EXPRESSÁ-LOS”

A teorização sobre a arte acompanha a investigação filosófica desde seu início. Segundo Chauí (2000), há dois grandes momentos de teorização da arte: a poética, inaugurada por Platão e Aristóteles; e a estética, discutida a partir do século XVII. Para Mondin (1980, p. 139), Platão busca explicar a arte em sua teoria principal, entendida “como imitação da natureza e esta, por sua vez, é concebida como imitação das Ideias. O objeto da imitação é a Beleza”. Portanto, a arte seria duplamente falsa, situada no plano mais baixo do conhecimento.

Aristóteles reconhece a concepção mimética da arte, não apenas como simples reprodução, “mas antes como emulação da natureza, considerada mestra” (MONDIN, 1980, p. 140). Assim, mesmo reproduzindo o real, a arte o recria com possibilidades, aprimoramentos e melhorias.

Nesse sentido, a tragédia, através de uma maneira natural e verossímil/plausível de compor os fatos, tornar-se-ia educativa pela imitação de personagens e ações importantes, além de ser um objeto capaz de suscitar prazeres específicos com efeitos voltados para a obtenção de sentimentos de compaixão e terror, surpresa e admiração, divertimento e indignação. (PALHARES, 2013, p. 3).

Esses sentimentos são resultado da função catártica da tragédia. Em Aristóteles (2007, p. 11), “a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções.” O espectador envolve-se com as personagens, experimentando suas sensações: “trata-se também de um prazer intelectual, baseado na identificação do objeto imitado à sua forma natural e no reconhecimento dessa semelhança” (PALHARES, 2013, p. 4).

A segunda teorização trata da arte sob a forma de *estética*, tradução da palavra grega *aesthesis*, que significa experiência, sensibilidade. Esse termo foi empregado primeiramente por Alexander Baumgarten, referindo-se às artes como criações de sensibilidade, buscando como finalidade o belo (CHAUÍ, 2000). Tal noção pressupunha:

1. que a arte é produto da sensibilidade, da imaginação e da inspiração do artista e que sua finalidade é a contemplação;
2. que a contemplação, do lado do artista, é a busca pelo belo (e não do útil, nem do agradável ou prazeroso) e, do lado do público, é a avaliação ou o julgamento do valor de beleza atingido pela obra;
3. que o belo é diferente do verdadeiro. (CHAUÍ, 2000, p. 411).

Pode-se entender que a relação entre a obra e o espectador era baseada no juízo de gosto. Por parte do artista busca-se a beleza e por parte do receptor a sensibilização e o julgamento universal de algo singular: a obra de arte. Porém, no século XX, abandonou-se essa ideia quando as artes passaram a ser vistas “como expressão de emoções e desejos, interpretação e crítica da realidade social, atividade criadora de procedimentos inéditos para a invenção de objetos artísticos” (CHAUÍ, 2000, p. 411). O artista torna-se um ser social a expor suas visões e experiências do mundo.

Ainda em Chauí (2000), foi durante o Romantismo que esse reconhecimento da arte como expressão teve maior destaque, analisada sob três aspectos: como única via de acesso ao universal; como produção do espírito humano; e “como único caminho para reatar o singular e o universal [...] pois através da singularidade de uma obra artística, temos acesso ao significado universal de alguma realidade”.

Quanto à finalidade da arte, segundo Mondin (1980), Platão, Agostinho e Tomás de Aquino atribuem um fim pedagógico, por isso aprovam apenas as obras que sirvam à educação e “condenam as que favorecem a corrupção”. Platão condena a comédia e a tragédia porque essas “não se baseiam sobre a razão, mas sobre o sentimento e a fantasia agitando as paixões, provocando o prazer e a dor.” Já para Aristóteles, Plotino e Schopenhauer, a arte possui finalidade catártica, portanto será cultivada enquanto promover a purificação espiritual dos espectadores. Segundo Chauí (2000), para Kant e Hegel, a arte possui a função de produzir o sentimento de sublime e a elevação do espírito. Hegel defende ainda que, através da arte, pode-se passar da religião da exterioridade à interioridade, tomando conta do Absoluto.

Segundo Neto (2016), Kant traz contribuições à estética afirmando que essa dirige a sensibilidade na forma da imaginação. O juízo de gosto é subjetivo: a beleza não está presente nas coisas em si, mas é o sentimento do sujeito atribuído à coisa.

Para Immanuel Kant, o gosto é a faculdade de ajuizamento (*Beurteilung*) acerca do belo; enquanto juízo estético, ele é formal e não material, pois o que possibilita a sensação de prazer não é a matéria, mas a sua forma. Nesse sentido, pode-se afirmar que a teoria do gosto em Kant está em conformidade com o ditado popular que afirma: “a beleza está nos olhos de quem vê”. (NETO, 2016, p. 2, itálico no original).

Numa outra perspectiva, a arte pode ser percebida como expressão, “transformando num fim aquilo que para as outras atividades humanas é um meio” (CHAUÍ, 2000, p. 415). Assim, a arte faz notar as coisas que passam despercebidas no nosso cotidiano, manifestando a essência da realidade.

Quando um poeta ou um romancista escrevem, trabalham à maneira do tecelão. Este trabalha com fios e pelo avesso, mas produz, do outro lado, uma tapeçaria, isto é, desenho, cor, forma e figura. O escritor trabalha apenas com palavras, com a materialidade de sinais gráficos, mas o livro (poema ou romance, conto ou novela) é imaterial: é puro sentido, pura significação, a tal ponto que, quando acabamos de lê-lo, temos o sentimento de que houve uma comunicação entre o nosso espírito e o do escritor, sem palavras. (CHAUÍ, 2000, p. 416).

Desse modo, em um livro o leitor não vê a materialidade em si, mas suas significações. O autor se expressa através da arte e necessita do leitor para completar essa experiência.

Considerando o exposto acerca da filosofia estética, o próximo capítulo faz uma breve revisão da literatura disponível sobre as aptidões da inteligência emocional e suas implicações.

### 3 “NÃO É MARAVILHOSO COMO TODO DIA PODE SER UMA AVENTURA?”

De acordo com Goleman (2017), a última década tem presenciado uma constante onda de notícias ruins que aumentam a instabilidade emocional da população. Aumentam os casos de depressão, ansiedade e violência, principalmente entre jovens. Em contrapartida, houve avanço nos estudos científicos sobre emoções e sua atuação no cérebro.

Acerca da emoção, considera-se a definição do *Oxford English Dictionary*, citada por Goleman (2011, p. 340), “qualquer agitação ou perturbação da mente, sentimento, paixão; qualquer estado mental veemente ou excitado”. De acordo com o autor (2011, p. 340), a definição desse termo vem sendo discutida há tempos, porém “existem mais sutilezas de emoções do que as palavras que temos para defini-las.”

Segundo Beauport e Diaz (1998, p. 122), é comum que, em situações emocionalmente difíceis, procure-se a razão. De fato, as emoções estão em “segundo plano em relação ao pensamento e à ação”, elas são consideradas inoportunas por serem incontroláveis.

As emoções destroem famílias e provocam divórcio. Mostram-se no comportamento bizarro e levam as pessoas ao hospício. Explodem em violência e levam as pessoas à prisão. Não gostamos das emoções. Elas nos fazem sentir fracos e descontrolados. (BEAUPORT; DIAZ, 1998, p. 122).

Goleman (2011) destaca o papel da amígdala cortical, responsável pelas reações emocionais. Segundo ele, os sinais dos sentidos humanos são enviados às amígdalas, permitindo-a que analise as situações em busca de problemas. Goleman (2011, p.47) cita LeDoux, que “revela que a arquitetura do cérebro dá à amígdala uma posição privilegiada como sentinela emocional, capaz de assumir o controle do cérebro”. A amígdala recebe uma pequena quantidade de neurônios direto do tálamo, tornando-se capaz de responder antes do neocórtex, sede do pensamento racional, já que os sinais enviados percorrem caminho mais longo até ele. Portanto, pode-se entender que em muitas situações a emoção supera o pensamento, enfatizando a importância de entendê-las.

Assim, há tempos livros de autoajuda, serviços de *coaching* e diversas outras técnicas buscam ensinar como lidar com as emoções a fim de alcançar a saúde mental. Busca-se entender as emoções como vibrações do sistema límbico, associadas à saúde de todo o corpo. Conhecendo-as pode-se garantir o aperfeiçoamento de um processo emocional (BEAUPORT; DIAZ, 1998).

A habilidade de conhecer e lidar com as emoções é denominada inteligência emocional. Essa denominação foi abordada com maior repercussão por Daniel Goleman em livro de 1995. Porém, segundo o autor, a primeira formulação de inteligência emocional foi apresentada por John Mayer e Peter Salovey em 1990, que a definiram como “uma forma de inteligência que envolve a habilidade de monitorar os sentimentos e emoções de si mesmo e dos outros, discriminando entre elas e usando essa informação para guiar seus pensamentos e ações”<sup>2</sup> (apud DHANI, 2017, p. 1, tradução nossa).

Segundo Goleman (2011, p. 63), por muito tempo acreditou-se que o grau de QI constituía-se em “instrumento de previsão exata para uma vida bem-sucedida”, porém há inúmeras exceções. Em estimativa, o QI pode contribuir apenas com cerca de 20% para uma vida de sucesso. Os outros 80% estariam ligados a um conjunto de fatores, entre eles a inteligência emocional, que está atrelada à:

[...] capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante. (GOLEMAN, 2011, p. 63).

Para o autor, o ser humano desenvolve a inteligência emocional como qualquer outra área intelectual, e a exerce com menor ou maior habilidade, o que explica pessoas, mesmo com um nível intelectual similar a outras, terem mais ou menos sucesso. O controle das aptidões emocionais pode influenciar em todos os aspectos da vida.

Goleman (2011) apresenta ainda a pesquisa dos psicólogos Salovey e John Mayer, na qual propõem uma definição para a inteligência emocional expandindo-a em cinco domínios essenciais: conhecer as próprias emoções; lidar com essas emoções; saber motivar-se; reconhecer emoções nos outros e; lidar com relacionamentos. O primeiro domínio é a autoconsciência, a capacidade de reconhecer sentimentos. O segundo, desenvolvido a partir do anterior, diz respeito à capacidade de lidar com as emoções a fim de que as reações se tornem apropriadas. O terceiro corresponde a usar as emoções a favor de si mesmo, buscando a automotivação. O quarto trata da empatia, capacidade de reconhecer emoções nos outros. O último é a capacidade de lidar com as emoções dos outros, lidando com relacionamentos.

---

<sup>2</sup> “A form of intelligence that involves the ability to monitor one’s own and others’ feelings and emotions, to discriminate among them and to use this information to guide one’s thinking and actions”

A habilidade de reconhecer emoções nos outros é conhecida como empatia. De acordo com Goleman (2011), essa habilidade é desenvolvida desde as primeiras interações dos bebês. Quando os pais embalam e interagem com o bebê, formam uma sintonia emocional. Pela sintonização “as mães informam aos bebês que compreendem o que eles estão sentindo” (GOLEMAN, 2011, p. 138). A criança começa a entender que outras pessoas também têm sentimentos. Por consequência, a falta dessa sintonia pode trazer custos emocionais a longo prazo.

Apesar de a inteligência emocional ser o resultado de vários fatores que acompanham o indivíduo desde a infância, há vários meios de desenvolvê-la mesmo na vida adulta. O próximo capítulo apresenta a experiência do cultivo da leitura, especialmente da ficção, como meio inovador de desenvolvimento da empatia e aptidões que contribuem com a inteligência emocional.

#### 4 “ME DIGA E EU ESQUEÇO, ME ENSINE E EU LEMBRO, ME ENVOLVA E EU APRENDO”

Para Gallian (2017, p. 60), a arte e a literatura ocupam lugares secundários ou até dispensáveis nesse tempo dominado pela ciência e tecnologia. Todavia, por muito tempo a literatura foi considerada fundamental à formação do ser humano, “na promoção de crenças, princípios e valores da sociedade”.

De fato, foi através das narrativas que as histórias de identidade dos povos foram repassadas. Gallian (2017) faz referência ao estudioso Mircea Eliade ao retratar que todas as comunidades possuem uma história de origem, passada de forma oral ou escrita. São essas histórias que repassam a identidade e os valores das comunidades. Eliade (apud GALIAN, 2017, p. 61-62), complementa que “nas sociedades antigas, toda a educação dos jovens, por exemplo, estava inteiramente fundamentada na recitação das narrativas sagradas ou na leitura e estudo dos textos tradicionais”.

Pode-se considerar a importância da literatura na Paideia grega. Segundo Jaeger (1995, p. 19), “a história da educação grega coincide substancialmente com a da literatura”. Os gregos buscavam o ideal do homem perfeito, conceito de *arete*. Para Jaeger (1995, p. 25):

Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo [*arete*]; mas a palavra “virtude”, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega.

Por esse motivo, na visão de Jaeger (1995), as obras de Homero traziam o maior exemplo de personalidade a ser seguido: as epopeias retratavam a jornada do herói e exaltavam sua valentia, habilidade, coragem e ética, além do temor aos deuses:

A mais alta medida de todo o valor da personalidade humana é ainda, na Odisseia, o ideal herdado da destreza guerreira; mas a ele se junta a elevada estima das virtudes espirituais e sociais destacadas com predileção naquele poema. O seu herói é o homem a quem nunca falta o conselho inteligente e que para cada ocasião acha a palavra adequada. A sua honra é a destreza e o engenho da sua inteligência que, na luta pela vida e na volta ao lar, sai sempre triunfante em face dos inimigos mais poderosos e dos perigos que o espreitam. (JAEGER, 1995, p. 45).

De acordo com Jaeger (1995, p. 45), “a educação converte-se aqui, pela primeira vez, em formação, isto é, na modelação do homem integral de acordo com um tipo fixo”. Assim, num tempo em que não se tinha um conjunto de leis específicas ou uma linha de pensamento

ético, o exemplo servia como guia. Era através da leitura e narração desses poemas que se moldava o homem.

Jaeger (1995, p. 63) afirma: “a arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual” e apenas ela “possui ao mesmo tempo a validade universal e a plenitude imediata e viva” da educação. Verifica-se, pois, o poder humanizador da arte, em especial da literatura.

Outra corrente de educação baseada no exemplo é a do judaísmo-cristianismo, que segundo Gallian (2017), é transmitida através dos textos sagrados. Jesus Cristo caracterizava-se como exemplo de personalidade ética pela transmissão de valores morais.

Seja através das gestas dos heróis homéricos, seja através dos relatos históricos e poéticos dos livros judaicos, seja através das palavras e ações de Jesus Cristo e seus apóstolos, narrados pelos evangelistas, ou, melhor ainda, seja através da confluência de todas essas fontes e narrativas, foi-se dando o processo de formação humana no âmbito da cultura Ocidental. (GALLIAN, 2017, p. 65).

Entretanto, com os anos, a literatura perdeu lugar para a ciência. De acordo com Gallian (2017), após a construção de sua identidade, os povos passaram a buscar respostas que a literatura não oferecia, através da investigação racional no texto filosófico. A literatura foi marginalizada, dando espaço ao pensamento técnico e científico. Foi relegada à “forma de distração, de entretenimento, útil enquanto verniz erudito, porém dispensável do ponto de vista do conhecimento e do sentido prático da vida” (GALLIAN, 2017, p. 69).

Porém, como trouxe Compagnon (2009, p. 29), ao longo da história pode-se extrair pensamentos fundamentais sobre o poder da literatura, já que apesar dessa marginalização, “lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem”.

Segundo Compagnon (2009, p. 30), a primeira definição do poder da literatura é a visão clássica de que ela “instrui deleitando”. Posteriormente, no Iluminismo, surgiu a concepção da literatura como remédio, pois “ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, [...] ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso” (p. 33). Destaca-se especialmente o poder de libertação da alienação. Já a terceira concepção afirma que a literatura pode “corrigir os defeitos da linguagem” (p. 37). Recorre-se à literatura quando o cotidiano já não é capaz de expressar o sublime.

Com base nisso, Compagnon responde à questão que intitula seu livro “Literatura para quê?” resignificando o ensino escolar da literatura:

[...] a literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles

que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (2009, p. 47).

Nessa mesma perspectiva, Todorov (2009) critica o ensino da literatura nas escolas, apontando sua falta de humanidade, uma vez que o professor se resume a ensinar a gramática e os elementos estruturantes da narrativa, ao invés de abordar a obra em si. Curiosamente, segundo Todorov (2009), a maioria dos professores de Letras escolheram a profissão por amor à literatura, mas acabam caindo nas mesmas práticas limitadoras. Contudo, o autor não exclui a necessidade do aluno de entender certos conceitos antes de adentrar em uma obra:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*. (2009, p. 31).

Para Todorov (2009), isso pode dificultar o gosto pela leitura, pois o leitor lê determinado livro para conhecer e entender o mundo, a si mesmo e aos outros, ao passo que a teoria literária e os críticos roubam essa experiência, tornando-a técnica e meramente informativa. Assim, já que uma obra “não tem relação com o restante do mundo”, os alunos podem se indagar por que “estudar literatura se ela não é senão a ilustração dos meios necessários à sua análise?”. (TODOROV, 2009, p. 39).

Por sua vez, Richard Rorty (2001) defende que a literatura, especificamente a ficção, coloca o leitor em contato com personagens, para que esse possa comparar suas ações e pensamentos expandindo suas próprias ideias. Assim, segundo Todorov (2009), justifica-se a perspectiva de Kant de “pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias (KANT, 1985 apud. Todorov, 2009, p. 82) como meio de humanização.

Estudos recentes mostram o poder da literatura no desenvolvimento da empatia. Oatley (2016), baseado na filosofia estética, conclui ser a ficção uma simulação do mundo social que pode ser observada e comparada com a realidade do leitor. Por conseguinte, as pessoas que se engajam nessa simulação praticam suas habilidades sociais e têm maior entendimento de si e dos outros. Ao acompanhar uma personagem ficcional, por exemplo, pode-se imaginar como seria estar em seu lugar e enfrentar as situações propostas pelo enredo, ao mesmo tempo que se faz inferências sobre as intenções e caráter da personagem. Segundo o

autor, “as pessoas formam relações com personagens ficcionais” que podem “promover o entendimento das emoções de outros”<sup>3</sup> (OATLEY, 2016, p. 623, tradução nossa).

Posteriormente, Oatley (2016) sugere que a literatura artística, em comparação com a não-artística, pode resultar em mudanças nos traços de personalidade do leitor, uma vez que na primeira, experienciam-se as emoções de forma pessoal. Como a ficção é a simulação do mundo social, as emoções sugeridas são do próprio leitor.

Gallian (2017) colocou em prática os poderes da literatura em seu experimento no Laboratório de Leitura. Através dos relatos dos participantes, ele constatou efeitos significativos. Primeiramente, os participantes descobriram o prazer pela leitura e a relação íntima que existe entre leitor e obra, uma experiência muitas vezes roubada dos leitores pela crítica ou pelo falho sistema de ensino. Outro efeito constatado é o de que a literatura expande e promove a reflexão de “questões essenciais da existência humana” (GALLIAN, 2017, p. 169). Além disso, o autor destaca o efeito humanizador de compartilhar ideias e pensamentos sobre a leitura com o grupo.

Por fim, o efeito mais curioso apontado por Gallian é o que muitos participantes relataram a experiência como terapia. A leitura das obras clássicas e a reflexão com o grupo surtiam efeitos terapêuticos, não é o da dimensão psicológica, mas com sentido existencial. Assim “a descoberta de si mesmo através da descoberta do humano que a dinâmica que o LabLei propõe, parece permitir o estabelecimento de uma identificação entre o que é verdadeiro e bom no âmbito subjetivo” (GALLIAN, 2017, p.199).

Realizadas essas pesquisas e ponderações, a parte posterior desse trabalho de conclusão voltará seu foco a cenas escolhidas da série *Anne with an E*. A proposta é analisar a protagonista da série e suas experiências literárias, a fim de descobrir as possíveis relações entre seu hábito de leitura e a formação de sua personalidade, especialmente no que tange ao amadurecimento da inteligência emocional, na capacidade de resolver conflitos e superar adversidades.

---

<sup>3</sup> [...] people form relations with fictional characters. [...] tend to foster the emotional understanding of others.

## 5 “TODO LIVRO CONTÉM UM MUNDO INTEIRO”

A série *Anne with an E* é uma produção de 2017 da CBC em parceria com a Netflix. Trata-se de uma adaptação da obra *Anne de Green Gables*, da autora canadense Lucy Maud Montgomery publicada em 1908. A autora publicou nove livros que acompanham a história de Anne e até de seus filhos. A adaptação da Netflix, contudo, conta com apenas três temporadas, entre seis e dez episódios cada, que narram a vida da personagem até à universidade. O cancelamento da série em 2020 causou grande repercussão nas redes sociais. Houve pedidos para que a produção fosse renovada, com as hashtags *#renewannewithane* e *#saveannewithane*. Postagens como “por que a Netflix pensa que toda série deve terminar com o menino e a menina apaixonados se beijando? Existe muito mais nessa história. E eu não vou parar de lutar por isso. Então se você ama a série assim como eu por favor espalhem a mensagem” (RENEWANNEWITHANE, 2020) com a mensagem *We Will Be Heard* – nós seremos ouvidos – foram compartilhadas pelas redes.

Figura 1 – Tweet



Fonte: renewannewithane (2020).

Por sua vez, a autora da série de livros que conquistou tantos fãs tem sua própria história de superação, já que buscava ser escritora em uma época na qual as mulheres tinham pouca voz. Segundo o blog oficial da série de livros:

As ambições de Montgomery de ser escritora colidiram com as normas culturais que existiam no final dos anos 1800 e no começo de 1900. As mulheres não podiam votar, não podiam possuir propriedade, não iam à universidade e elas certamente não poderiam ser autoras publicadas.<sup>4</sup> (PACHECO, 2018, tradução nossa).

Com muita resistência, a autora conseguiu ir à universidade e mais tarde publicou diversos livros, “todos apresentando meninas e mulheres que, de algum jeito, desafiavam as expectativas da época.”<sup>5</sup> (PACHECO, 2018, tradução nossa).

A personagem Anne Shirley é um exemplo disso. O livro conta a história de Anne, uma menina que perdeu os pais muito cedo. Anne passou por algumas famílias que a maltratavam. Na maioria das vezes, sua adoção era um pretexto para explorá-la, obrigando-a a fazer serviços domésticos. Por fim, ela sempre acabava voltando ao orfanato, lugar onde também não era aceita. Com esse histórico de rejeição, Anne encontrava refúgio nos livros e nas histórias que imaginava. Aos treze anos, a menina foi enviada por engano a Green Gables, uma fazenda na cidade fictícia de Avonlea, para morar com o casal de irmãos Marilla e Mathew Cuthbert. Os irmãos já são idosos e, como nunca se casaram, tencionavam adotar um menino para ajudar com as tarefas da fazenda. Os irmãos então decidiram deixar que Anne ficasse, desde que ela ajudasse nos serviços domésticos. O livro retrata os desafios que Anne passa para ser aceita na comunidade.

A série da Netflix conta com algumas adaptações, trazendo alguns temas de grande repercussão no ano de lançamento (2017), como o feminismo, liberdade de expressão, racismo, homofobia e várias outras formas de preconceito. A série também faz várias referências à obra de Charlotte Brontë, *Jane Eyre*. Cada episódio da série é intitulado com uma citação da autora.

Para dar conta dos objetivos estabelecidos nesse trabalho, toda a série foi assistida (na versão legendada) para que pudessem ser selecionados os trechos que mostravam alguma experiência literária de Anne. Portanto, a seguir, quatro desses fragmentos serão analisados à luz das teorias discutidas nos capítulos anteriores. Para melhor organização, cada excerto terá como título o nome do episódio do qual foi retido.

---

<sup>4</sup> Montgomery’s ambitions to be a writer clashed greatly with the cultural norms that existed in the late 1800’s and early 1900’s. Women could not vote, they could not own property, they did not go to college and they certainly could not be published authors!

<sup>5</sup> [...] all featuring girls and women who in some way, defied expectations of the time.

## 5.1 “SOU LIVRE E NADA ME PRENDE”

O primeiro extrato a ser analisado se passa no segundo episódio da primeira temporada da série. Anne só estava há alguns dias em Green Gables e já percebera que não seria tão fácil ser aceita naquela comunidade tão conservadora. Ela era julgada por sua aparência, ruiva e magricela, e por ser órfã. Muitos a viam como inferior, alguém que não merecia ter uma família.

Anne já havia se mostrado muito vaidosa, sempre preocupada com a aparência, característica que a Srta. Cuthbert reprendia. Quando Marilla sugeriu costurar um novo vestido para Anne, a menina logo imaginou mangas bufantes e saias plissadas, adereços que na visão de Marilla eram um desperdício de tecido. Ainda sobre vaidade e aparência, existe o fato de Anne odiar seu cabelo ruivo e sempre ter esperanças que no futuro ele mude de cor.

Quando Marilla e Anne foram convidadas para tomar chá na casa dos Barry, família muito bem reconhecida em Avonlea, esperava-se que estivessem bem vestidas e educadas. Enquanto se arrumavam, Anne ficou encantada com o broche de ametista que havia sido herdado pela avó de Marilla, e logo quis prová-lo. A Srta. Cuthbert a repreendeu, dizendo que se tratava de um tesouro da família e não um brinquedo.

Depois do chá, já em Green Gables, Marilla pede para Anne levar seu xale e broche até o quarto e dobrá-los na cadeira. Anne então deixa sua imaginação aflorar e faz de conta que o xale é um lindo véu e o broche é uma pedra preciosa. Imagina que é uma princesa em um baile, dançando com seu príncipe. Porém, mais tarde, quando Marilla vai a seu quarto, ela não encontra mais o broche e logo supõe que Anne o roubou. Marilla exige que Anne o devolva, mesmo que a menina repita que não o pegou.

MARILLA: Onde mais estaria? Confesse agora mesmo.

ANNE: Mas eu...

MARILLA: Não viverei com uma ladra sob meu teto! Confesse ter roubado o broche ou não terá futuro em Green Gables.

ANNE: Mas eu não peguei.

MARILLA: Confesse! Senão vou mandá-la de volta ao orfanato!

ANNE: Se eu não confessar, vai me mandar de volta?

[...]

ANNE: Se eu confessar posso ficar em Green Gables?

(WALLEY-BECKETT, 2017, ano 1, ep. 1, 1h 24min).

Anne então acaba dizendo que perdeu o broche enquanto brincava, mesmo não sendo verdade, pois percebeu que Marilla não acreditaria nela e esse era o único jeito de permanecer em Green Gables. No entanto, Marilla não perdoou Anne e mandou-a embora.

Posteriormente, Marilla acabou encontrando o broche caído no sofá, e percebeu que aquilo tudo fora um mal entendido. Há, então, toda uma sequência narrativa da tentativa, alcançada, de trazer Anne de volta ao lar. Mesmo assim, Marilla não consegue vencer seu orgulho para se desculpar. Anne finalmente estava de volta ao lugar que amava, mas ainda não se sentia bem-vinda com todos os julgamentos dos moradores e da própria Srta. Cuthbert. Esse sentimento é demonstrado em seu diálogo com Diana, sua única amiga.

DIANA: Fico feliz de ter voltado.

ANNE: Bem, você é a única. Matthew também parece estar, mas deve tê-la convencido.

DIANA: Não diga isso, Anne. Tenho certeza que não é verdade.

ANNE: A Srta. Cuthbert não ficou feliz, nem se importou.

DIANA: Rachel Lynde contou à mamãe que ela ficou transtornada depois que você partiu.

ANNE: Impossível.

DIANA: Ela ficou tão mal que Rachel Lynde achou que adoeceria.

ANNE: Impossível.

DIANA: Bem, foi o que ela contou à mamãe.

ANNE: Então porque ela não demonstra. É difícil acreditar que ficou triste quando parece não gostar de mim.

[...]

ANNE: Não quero parecer ingrata. E meu coração se encheu de alegria por voltar a Green Gables! Mas sinto que podem me expulsar a qualquer hora.

DIANA: Mas agora que tudo se resolveu, por que o fariam?

ANNE: Só não quero me apegar demais. Não se tudo vai desaparecer.

(WALLEY-BECKETT, ep. 2, ano 1, 30min 50s).

As falas de Anne e até sua linguagem corporal sugerem mais uma vez que ela sofre abandono emocional. Na cena em que a menina finalmente retorna a Green Gables, após o mal entendido do broche, pode-se notar seu sorriso esperançoso por estar de volta e a expectativa por um pedido de desculpas ou qualquer sinal de reciprocidade de seu sentimento de contentamento por retornar à família. Porém, a Srta. Cuthbert não corresponde à sua expectativa e pode-se perceber que o sorriso de Anne “murcha”, os ombros caem em desapontamento.

Como já mencionado anteriormente, para Goleman (2011), o contato da criança com os pais, biológicos ou não, forma uma sintonia emocional responsável pelo desenvolvimento da empatia e, por sua vez, da inteligência emocional. Segundo o pesquisador, “quando um pai repetidamente não entra em empatia com uma determinada gama de emoções da criança – alegria, lágrimas, necessidade de aconchego -, a criança começa a evitar expressar, e talvez mesmo sentir esses tipos de emoção.” (GOLEMAN, 2011, p. 139).

A cena que se segue mostra que Anne observa Marilla e recita um trecho do livro *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë: “se todo mundo a odiasse e a considerasse perversa, mas se sua consciência a aprovasse e a absolvesse da culpa, você não estaria sem amigos.” (WALLEY-BECKETT, ep. 2, ano 1, 32min 42s). Assim como Anne, a personagem Jane Eyre é órfã e menosprezada pela sociedade. A citação é retirada do capítulo oito do livro de Brontë, no qual Jane lamenta com sua amiga Helen o fato de que não tem amigos e todos da escola a julgarem por mentirosa. A amiga então a reconforta com a frase que também serviu de conforto para Anne.

Assim, pode-se analisar esse trecho a partir da perspectiva de Hakemulder (2000). Em seus estudos, o autor busca explicar os efeitos da leitura no *self-concept* – que poderia ser traduzido como “autoconceito” – do leitor por meio do que ele chama de *The Moral Laboratory* – o laboratório de moral. Para ele, ao imaginar-se na posição do personagem, o leitor pode simular experiências fazendo inferências com a própria personalidade e com situações da vida real.

Foi demonstrado em diversos experimentos que observar outros (‘modelos’) nos permite familiarizar-nos com novos modelos de conduta bem como as consequências correspondentes. (e.g., Bandura 1965; Bandura et al. 1961, 1963) Podemos imitar ou inibir o comportamento do modelo, dependendo, entre outros fatores, em nossas expectativas de recompensa ou punição. Assim, nós aprendemos normas comportamentais. A aprendizagem social não exige que os modelos sejam fisicamente presentes. (HAKEMULDER, 2000, p. 80, tradução nossa).<sup>6</sup>

Durante sua vida, como mostrada na série, Anne não teve nenhum tipo de formação convencional: não tinha figuras paternas, não frequentou a escola ou a igreja. Portanto, todos os seus conceitos morais foram adquiridos através da leitura/literatura. Ao se apropriar da história de Brontë, ela pôde experienciar as situações passadas por Jane e sentir empatia pela personagem. Assim, Jane Eyre serviu como modelo à Anne e, como demonstrado no trecho anterior, a leitura a ajudou a lidar com uma situação da vida pessoal.

---

<sup>6</sup> It has been shown in many experiments that observing others (‘models’) enables us to acquaint ourselves with new modes of conduct as well as the matching consequences. We may imitate or inhibit model behavior, depending, among other factors, on our expectations of either reward or punishment. Thus, we learn behavioral norms. Social learning does not require models to be physically present.

## 5.2 “UM TESOURO VINDO DA ALMA”

A série continua mostrando os desafios do dia a dia de Anne. No terceiro episódio da primeira temporada, a menina vai à escola pela primeira vez. Estava muito ansiosa em conhecer novas pessoas, pois só possuía uma única amiga, Diana. Ansiava também por estudar em uma escola de verdade. As outras crianças, porém, já tinham preconceitos contra ela, julgando sua aparência, seu jeito de falar e sua história. Anne se deparou com um professor muito autoritário e conservador, que não ouvia seus alunos.

Durante uma das atividades de recitação de poemas, enquanto os outros liam de um jeito desinteressado, Anne mostrou emoção e gosto pela literatura. Mas, para sua surpresa, os outros colegas acharam graça. Anne, então, decidiu não ir mais à escola e passou a estudar sozinha em uma casinha na floresta.

As práticas de ensino do professor de Anne ilustram as falhas apontadas por Todorov (2009). O autor argumenta que os críticos e a teoria literária sequestram a leitura do leitor comum. Prioriza-se o ensino da literatura e não são proporcionados momentos de leitura literária propriamente dita.

Pode-se considerar também o fato de que Anne nunca passou pela educação formal, mas cresceu e amadureceu com seus livros. Todorov (2009, p. 65) afirma que “ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e seres que nos cercam”, explicando assim a perspectiva diferente de Anne ao observar o mundo e a literatura, em comparação aos outros alunos da escola.

No quarto episódio, a casa de Ruby, uma das alunas da escola, pega fogo, e a menina é obrigada a passar alguns dias na casa dos Cuthbert. Enquanto Ruby lamentava os vestidos e as coisas perdidas no incêndio, Anne contava histórias que também a ajudaram uma vez a superar um desafio: histórias de fantasia com princesas e príncipes, com amor e tragédia. Ruby então percebeu o coração bondoso de Anne e sua imaginação sem limites.

Anne agora tinha duas amigas que a admiravam, Diana e Ruby, e não pode deixar de apresentar a elas o mundo da literatura de que tanto gostava. As meninas criaram o “Clube de Histórias de Avonlea”. Elas se reuniam na casinha da floresta para, nas palavras de Anne, “cultivar a imaginação”, escrevendo, contando e conversando sobre as histórias. Esse clube era considerado um lugar em que as meninas podiam entregar-se à leitura de fruição, diferentemente da escola que não oportunizava esses momentos.

ANNE: A reunião inaugural do Clube de Histórias de Avonlea está iniciada!  
 DIANA: Ah, Anne isso é tão...  
 ANNE: Deliciosamente secreto e muito emocionante?  
 DIANA: Você sabe usar as palavras!  
 RUBY: Mal sei o que você está dizendo.  
 ANNE: Obrigada. Bom, antes de começarmos a cultivar a imaginação, cada uma deve ter um *nom de plume*.  
 RUBY: Viu? Aconteceu de novo!  
 ANNE: Um nom de plume é um pseudônimo, para manter o anonimato. Escreverei com o nome artístico Rosamond Montmorency.  
 DIANA: Isso é tão emocionante!  
 ANNE: Uma vez por semana, leremos nossas histórias e conversaremos sobre elas. (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 1, ep. 4, 38min 40s)

Anne sempre sentia a necessidade de usar sua imaginação para fugir da realidade, ela mesmo diz “prefiro imaginar a lembrar” (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 1, ep. 1, 5min 4s). Tal procedimento justifica o argumento de Candido (2004, p. 174) de que a literatura é uma “manifestação universal”, pois “não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”, sendo a literatura, então, necessária para o nosso equilíbrio psíquico. No clube, Anne e suas amigas podiam sonhar com uma vida diferente, longe da pressão dos pais, das preocupações com bens materiais e do preconceito.

Anne, Diana e Ruby puderam encontrar o prazer pela literatura de forma espontânea e puderam ainda compartilhar seus pensamentos e suas opiniões umas com as outras. Essa percepção da leitura era muito diferente das práticas da sala de aula mostradas na série, que não levavam em consideração o aspecto subjetivo da literatura. Portanto, elas teriam ainda a oportunidade de reconhecer seus papéis como leitoras (e, também, escritoras) no clube.

Essa experiência pode ser comparada com o experimento de Dante Gallian com o Laboratório de Leitura. Assim como Anne, Diana e Ruby, os participantes do LabLei descobriram que a literatura/leitura é também um refúgio, uma oportunidade de pausar as preocupações corriqueiras e perceber o mundo de outra maneira. Mais ainda, é oportunidade de compartilhar as experiências pessoais com outros, num espaço livre de julgamentos (GALLIAN, 2017).

### 5.3 “OS ATOS QUE DETERMINARAM A VIDA DELA”

Em diversos momentos da série passam-se *flashbacks* de situações enfrentadas por Anne no orfanato. Essas cenas têm cores muito mais escuras e mostram *close-ups* dos personagens, trazendo ao espectador sentimentos como medo, agonia e tristeza, algo próximo a uma experiência claustrofóbica.

Anne sofria muito *bullying* das outras crianças que não gostavam do seu jeito e das histórias que inventava para se divertir. Já na primeira temporada é mostrada uma cena na qual outras meninas seguravam Anne contra a sua vontade e a assustavam com um rato morto, passando-o por seu cabelo e seu rosto.

MENINA 1: Segurem ela.  
 ANNE: Por favor, não! Pare!  
 MENINA 1: Pare de falar. Adivinha, Princesa Cordélia? Cansamos de você e de suas histórias!  
 MENINA 2: Histórias estúpidas!  
 MENINA 3: Mentirosa!  
 MENINA 1: Este ratinho fazia barulho demais. Aí caiu na ratoeira! E agora... não faz mais! Então cale a sua boca a partir de agora! (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 1, ep. 1, 1h 12min).

No primeiro episódio da segunda temporada, mostra-se outra cena em que Anne é assediada pelas mesmas meninas. Era a hora de dormir e todas as crianças deveriam estar deitadas, em silêncio. As meninas tapam a boca de Anne e começam a falar alto fingindo ser ela.

MENINA 1: E, então, Princesa Cordélia empunhou sua enorme pistola e mirou o gatinho!  
 ANNE: Quê?  
 MENINA 1: Princesa Cordélia, por favor, poupe minha vida! O gatinho estava fadado a morrer. (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 2, ep. 1, 10min).

Quando as cuidadoras entram no quarto, as meninas colocam a culpa em Anne, dizendo que era ela quem estava falando alto. Anne então é castigada: deveria ficar uma hora de joelhos segurando livros pesados com os braços estendidos. Um desses livros era *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë.

No próximo *flashback*, Anne pula na cama e imita um coelho na hora de dormir. Como esperado, ela é novamente castigada, sendo obrigada a segurar os livros de novo. Porém, dessa vez, pode-se imaginar que ela propositalmente procurou um motivo para a punição, com a intenção de roubar o livro *Jane Eyre*.

Em seguida, várias cenas mostram Anne escondida lendo o livro roubado. Em uma delas, ela esconde-se embaixo da cama enquanto a cuidadora entra no quarto e arranca o livro de suas mãos, dizendo “Alguém está cansada de suas tarefas. Sua ladra! Saia daí. Não sabe que é pecaminoso cobiçar? Pecaminoso roubar? Arriscou-se tanto para pegar isso. Deve ter desejado muito, muito mesmo. Pois bem...” (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 2, ep. 1, 30min 30s). A mulher arranca várias páginas do livro e joga-o no chão.

Em outra cena, Anne encontra-se lendo *Jane Eyre* no sótão do orfanato, em meio à sujeira e ratos, quando uma das meninas que vivia atormentando-a entra e joga seu livro em uma lata com o que parece ser alcatrão. Anne imediatamente começa a chorar e seu olhar não escondia que acabara de perder algo muito especial.

Analisando as cenas, pode-se encarar as experiências literárias de Anne como ações de resistência. A menina sentia a necessidade de refugiar-se e encontrou esse conforto na literatura e na fabulação.

Através da leitura, a garota podia encarar os desafios da vida de maneira diferente. Podia imaginar que era, por exemplo, uma elegante princesa esperando ser resgatada por seus verdadeiros pais. Nas palavras de Domingues (2017, p. 44), que estuda a literatura e a formação do leitor literário, “a arte nos permite uma identificação com a vida do outro, mas para tanto é preciso deixar-se impregnar por aquilo que não se é, mas que se poderia ser, ao nos deixarmos levar pela imaginação, pela identificação e, por que não, pelo encantamento.” Assim, a literatura trazia à Anne esperança de que talvez um dia as coisas melhorassem e a ajudava a se manter otimista.

Segundo Goleman (2017, p. 124), o otimismo e a esperança também fazem parte das aptidões que um indivíduo alimenta para desenvolver a inteligência emocional, já que:

O otimismo, como a esperança, significa uma forte expectativa de que, em geral, tudo vai dar certo na vida, apesar dos reveses e frustrações. Do ponto de vista da inteligência emocional, o otimismo é uma atitude que protege as pessoas da apatia, desesperança ou depressão diante das dificuldades.

Portanto, ao cultivar os hábitos de leitura, a personagem objeto dessa pesquisa pôde superar seus desafios de forma mais fácil, encontrando na fabulação um meio de resistência e ao mesmo tempo desenvolvendo sua inteligência emocional.

#### 5.4 “SER JOVEM É TER ESPERANÇA”

No primeiro episódio da segunda temporada, o enredo segue mostrando a trama de dois falsos pensionistas que se hospedavam em Green Gables, Senhor Dunlop e Nate.

Durante sua estadia, o senhor Dunlop prometeu ensinar à Anne todas as suas receitas de bolos e pães, já que ele entendia muito de confeitaria. Enquanto cozinhavam, ele conta um pouco de sua história, que era pouco conhecida até então. Em seguida, Anne compartilha uma citação de Charlotte Brontë, recitando-a com muita emoção.

DUNLOP: Lutando na Guerra dos Bôeres, perdi a esperança de desfrutar novamente dos pequenos prazeres.

ANNE: Foi muito terrível?

DUNLOP: Foi... Foi abominável... Foi... Perdi minha família, meus pais e minha irmã, durante os anos longe. Tem sido difícil de suportar.

ANNE: “Jane Eyre” disse: “Não pode imaginar como anseio por amor fraterno.” Foi tão alentador saber que ela se sentia como eu. Então, sei como se sente. E sinto muito por sentir-se assim. Eu poderia ser sua irmã. Sua irmãzinha.

DUNLOP: Me fez tão bem estar aqui em Green Gables. (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 2, ep. 1, 28min 20s).

O trecho de *Jane Eyre* citado por Anne encontra-se no capítulo 33. Assim como Anne, Jane é órfã e sente falta do amor de uma família. Na obra original, Jane continua: “nunca tive um lar, nunca tive irmãos ou irmãs” (BRONTË, 2010, p. 342). Logo, pode-se supor que Anne, de certo modo, se identificou com o sentimento de Jane Eyre e pôde entender melhor a si mesma.

Goleman (2017) aponta a importância da autoconsciência, na qual o indivíduo consegue reconhecer seus sentimentos e lidar melhor com eles. Para o autor, “as pessoas mais seguras acerca de seus próprios sentimentos são melhores pilotos de suas vidas, tendo uma consciência maior de como se sentem em relação a decisões pessoais” (p. 73). Além dessa aptidão, o autor argumenta sobre a importância de reconhecer as emoções nos outros, já que

“as pessoas empáticas estão mais sintonizadas com os sutis sinais do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou o que querem” (p. 73).

Por sua vez, Oatley (2016) estuda a literatura como meio de desenvolver habilidades sociais, uma vez que a ficção é uma simulação do mundo social. Segundo ele, as aptidões de autoconsciência e empatia podem ser desenvolvidas pela leitura de histórias ficcionais.

Histórias baseadas em personagens (especialmente as de tipo literário) encorajam, de modo geral, um senso de humanidade compartilhada. De modo mais específico, as pessoas formam relações com personagens ficcionais. Tais relações são chamadas ‘parassociais’, porque elas são de um só sentido: personagens não podem interagir com leitores. Não obstante, essas relações podem ser íntimas e importantes ao leitor. Ambos os modos gerais e específicos tendem a promover a compreensão emocional de outros. (OATLEY, 2016, p. 623, tradução nossa<sup>7</sup>).

Sendo assim, analisando o trecho da série *Anne with an E* pelo viés dos dois autores supracitados, é possível inferir que Anne de fato foi impactada pela leitura de “Jane Eyre”. Além de atestar que a leitura a confortava, ajudando-a a entender melhor seus sentimentos, Anne mostrou maturidade no seu caráter empático ao demonstrar simpatia pelos sentimentos de Dunlop oferecendo para ser ela mesma sua irmã.

Outros excertos poderiam ser também elencados, mas imagina-se que, dado o escopo da pesquisa, já seja possível tecer algumas considerações, o que será feito no capítulo a seguir.

---

<sup>7</sup> Character-based stories (perhaps especially those of a literary kind) encourage a sense of shared humanity as a general mode. In a more specific mode, people form relations with fictional characters. Such relations are called ‘parasocial’, because they are one-way; characters cannot interact with a reader. Nevertheless, these relations can be intimate and important to the reader. Both general and specific modes tend to foster the emotional understanding of others.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar a possível influência do cultivo da leitura no desenvolvimento da inteligência emocional da personagem Anne da série *Anne with an E*, da Netflix em parceria com CBC.

Conforme a série, baseada nos livros de Montgomery, Anne perdeu os pais muito cedo e cresceu entre pessoas que a abusavam. A menina não passou por nenhum tipo de educação convencional que a escola, a família ou até a igreja pudessem fornecer. O que ela tinha eram suas experiências, marcadas pelo trauma e pela fragilidade, e a leitura que, providencialmente, ajudou-a a enfrentar os desafios, sempre mantendo-a esperançosa.

Para investigar essa interferência da literatura no desenvolvimento da personagem, foram selecionados quatro fragmentos da série em que Anne teve contato com a literatura. Para as análises, mobilizaram-se as noções teóricas da filosofia estética, discutidas por Mondin (1980) e Chauí (2000), e as noções de inteligência emocional discutidas principalmente por Goleman (2011). Além disso, foram trazidos alguns estudos que tratam do papel formador da literatura e sua importância no desenvolvimento do indivíduo, tais como os de Gallian (2017), Compagnon (2009), Todorov (2009), Oatley (2016) e Jaeger (2001).

Com base nessas noções, as análises apontam que a leitura/literatura foi muito significativa no desenvolvimento da personagem Anne. A influência que exerceu vai muito além da ampliação do vocabulário ou da imaginação. Serviu de refúgio para confortá-la nos momentos difíceis, bem como a ajudou no desenvolvimento da sua capacidade de reconhecer suas emoções e as dos outros, aptidões da inteligência emocional. (GOLEMAN, 2011).

Por fim, pode-se concluir que a leitura/literatura tem funções que vão muito além do simples entretenimento e podem ser percebidos até em personagens fictícios. Esse trabalho, então, mostra-se relevante para pesquisas da área de Letras, trazendo um novo olhar sobre o ensino da literatura e o seu papel no desenvolvimento de crianças e adolescentes que, assim como Anne, sofrem por angústias e dilemas. E se, como diria a personagem “ler pode salvar sua vida” (WALLEY-BECKETT, 2017, ano 2, ep. 1, 26min), cabe aos profissionais de Letras, cada vez mais, fazerem da literatura uma ferramenta de promoção e valorização da existência.

## REFERÊNCIAS

ANNE of Green Gables set for new life on CBC-TV. CBC News, Canadá, 12 de jan. de 2016. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/entertainment/anne-of-green-gables-cbc-tv-1.3394073>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ANNE with an e. Direção: Moira Walley-Beckett. Produção: Susan Murdoch, Miranda de Pencier. Canadá: Netflix, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80136236?trackId=200257859>. Acesso em: 12 maio 2020.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2007. Disponível em: <https://asfiles.com/lqica>. Acesso em: 25 maio 2020.

BEAUPORT, Elaine de; DIAZ, Aura Sofia. **Inteligência emocional: as três faces da mente**. Brasília: Teosófica, 1998.

BRONTË, Charlotte. “Jane Eyre”. São Paulo: Editora Landmark, 2010. Disponível em: <http://www.agr-tc.pt/bibliotecadigital/aetc/download/471/Jane%20Eyre%20-%20Charlotte%20Bronte.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritores**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/533894/mod\\_resource/content/1/ENP\\_155/Referencias/Convitea-Filosofia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/533894/mod_resource/content/1/ENP_155/Referencias/Convitea-Filosofia.pdf). Acesso em: 25 abr. 2020.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=66728>. Acesso em: 13 jun. 2020.

DHANI, Priyam. Implications of Emotional Intelligence. In: IQBAL, Dr. S. M. Anas (ed.). **Transformation in Business Governance**. Navi Mumbai: Shroff, 2017. p. 141-146. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/317258881\\_Implications\\_of\\_Emotional\\_Intelligence](https://www.researchgate.net/publication/317258881_Implications_of_Emotional_Intelligence). Acesso em: 3 jun. 2020.

DOMINGUES, Chirley. A literatura e a educação do sensível. In: **Entre o sensível e o inteligível: a formação do leitor literário, no ensino médio, é possível?** 2017. 241 f. (Tese). UFSC, Florianópolis. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2IIwzTy>. Acesso em: 29 set. 2020.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4133507/mod\\_resource/content/2/Inteligencia-emocional-Daniel-Goleman.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4133507/mod_resource/content/2/Inteligencia-emocional-Daniel-Goleman.pdf). Acesso em: 1 jun. 2020.

HAKEMULDER, Jemeljan. **The Moral Laboratory**: experiments examining the effects of reading literature on social perception and moral self-concept. Amsterdã: John Benjamins, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/305517196/The-Moral-Laboratory>. Acesso em: 25 ago. 2020.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Disponível em: [http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/jaeger\\_01.pdf](http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/jaeger_01.pdf). Acesso em: 08 jun. 2020.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Paulus, 1980.

OATLEY, Keith. Fiction: simulation of social worlds. **Trends In Cognitive Sciences**, [s.i], v. 20, n. 8, p. 618-628, ago. 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/305736055\\_Fiction\\_Simulation\\_of\\_Social\\_Worlds](https://www.researchgate.net/publication/305736055_Fiction_Simulation_of_Social_Worlds). Acesso em: 13 jun. 2020.

PALHARES, Carlos Vinicius Teixeira. A mimese na poética de Aristóteles. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, v. 22, n. 22, p. 15-19, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Stefani%20Hemkemeier/Downloads/8113-Texto%20do%20artigo-29632-1-10-20140904.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020.

RENEWANNEWITHANE. **Why does Netflix think that every serie ends [...]** Bélgica, 9 jan. 2020. Twitter: @annewithaneaw. Disponível em: <https://twitter.com/annewithaneaw/status/1215347962609573889>. Acesso em: 2 set. 2020.

RORTY, Richard. **Redemption from egotism**: James and Proust as spiritual exercises. Telos, [s.i], v. 3, n. 3, p. 243-263, out. 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6436419.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS NETO, Artur Bispo dos. A analítica kantiana do sublime em Friedrich Schiller. **Revista de Filosofia**, Alagoas, v. 2, n. 3, p. 151-162, 1 out. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/29629>. Acesso em: 27 maio 2020.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/8113/7076>. Acesso em: 5 maio 2020.